



## GT 037. Etnografias sobre a financeirização do agronegócio no Brasil: efeitos, disputas e comparações

Anna Catarina Morawska Vianna (UFSCar) - Coordenador/a,  
Luciana Schleder Almeida (UNILAB) - Coordenador/a

Este grupo de trabalho tem como intuito propor um debate sobre a financeirização do agronegócio no Brasil por meio de etnografias que explorem a imbricação de elementos técnicos e morais que marcam a chamada "sociedade do agronegócio" (Heredia, Palmeira, Leite 2010). São bem vindas reflexões baseadas em trabalho etnográfico que proponham, por exemplo, comparações entre o agronegócio para exportação e redes de troca de produtos não financeirizados, como o caso de sementes crioulas e produtos agroecológicos; descrições de alianças entre técnicos, grupos de pesquisa e produtores em torno de saberes e tecnologias que visam o aumento da produção e circulação de produtos; estratégias discursivas que esses agentes mobilizam para legitimar a expansão do agronegócio; etnografias sobre leilões e mercados agropecuários que joguem luz sobre nos correntes de economia e mercados; análises sobre as distintas temporalidades implicadas no "dentro" e "fora" da porteira, assim como em mercados físicos e futuros. Pretende-se, deste modo, reunir tanto pesquisadores que têm como foco central questões próprias da antropologia da economia, assim como aqueles que as tangenciam tendo em vista os processos de expropriação e conflito que seus interlocutores de pesquisa vêm enfrentando no meio rural brasileiro.

### **Comunidades Veredeiras do Norte de Minas: articulações políticas, processos territoriais e agrobiodiversidade**

**Autoria:** Breno Trindade da Silva

Nas últimas décadas, assiste-se no Brasil a movimentação de inúmeros grupos organizados em torno do reconhecimento de identidades específicas tendo uma agenda diversificada com inúmeras reivindicações, dentre elas, talvez a mais importante, o pleito territorial. Organizados em movimentos sociais, esses coletivos, a muito pesquisados por antropólogos, historiadores, sociólogos, inicialmente eram tratados a partir dos estudos do campesinato. Essa tradição de pesquisa possibilitou as primeiras bases para o entendimento do que recentemente passou-se a chamar Povos e Comunidades Tradicionais e até certa medida campesinato contemporâneo. Nesse sentido, a região Norte de Minas Gerais apresenta-se como quadro rico e complexo de agrupamentos socioculturais que a partir da mobilização política e acesso a dispositivos legais, vêm acionando diferentes categorias identitárias na busca de reconhecimento e ampliação de direitos sociais. Entre a diversidade desses grupos destacam-se indígenas do povo Xakriabá e Tuxá, cerca de 173 comunidades quilombolas, além de um número ainda desconhecido de geraizeiros, vazanteiros, catingueiros, veredeiros e apanhadores de flores, que passaram a se reconhecer como os Sete Povos do Norte de Minas Gerais. Historicamente a formação da região Norte mineira está vinculada à intensa ocupação indígena, bem como ao bandeirismo predador de índios e exterminador de quilombos e à marcha progressiva das fazendas nordestinas de gado pelo interior do país que datam do Século XVII. Todavia, a ocupação mais agressiva do cerrado mineiro se deu nos anos 1970, em pleno regime ditatorial militar, culminando na formação de grandes maciços de eucaliptos decorrentes de incentivos fiscais concedidos pelo Governo Federal via Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste para viabilizar a indústria siderúrgica mineira. De conformidade com as resoluções e leis aprovadas na época, esses projetos atingiram a quantia de um milhão cento e dezoito mil hectares de terras "devolutas". Objetivo neste work entender como um conjunto de comunidades Veredeiras localizadas em Barra do Tamboril, 90 km do município de Januária, vêm articulando estratégias e alianças políticas regional e nacionalmente com objetivo de afirmação de sua identidade e defesa de seus territórios. Entre os inúmeros conflitos vivenciados estão o limite às áreas de uso



comum e degradação das microbacias pelos maciços de eucalipto que acabam por secar as veredas, espaços fundamentais para a existência dessas comunidades. Entre as estratégias locais destaca-se o cultivo e troca de sementes crioulas na busca de manutenção da agrobiodiversidade face às monoculturas empresariais desenvolvidas na região.

[Trabalho completo](#)



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

